

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

Amanda Cristina Cardoso Lima de Paula

**O NATURAL NA NARRATIVA DE HORACIO QUIROGA: ESTUDO DE “A LA
DERIVA” E “EL HOMBRE MUERTO”**

RIO DE JANEIRO - 2024

AMANDA CRISTINA CARDOSO LIMA DE PAULA

**O NATURAL NA NARRATIVA DE HORACIO QUIROGA: ESTUDO DE “A LA
DERIVA” E “EL HOMBRE MUERTO”**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade
Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Letras na habilitação Português/Espanhol

Orientador: Prof. Dr. Rafael Eduardo Gutiérrez Giraldo

Rio de Janeiro

2024

O NATURAL NA NARRATIVA DE HORACIO QUIROGA: ESTUDO DE “A LA DERIVA” E “EL HOMBRE MUERTO”

Amanda Cristina Cardoso Lima de Paula

Orientador: Prof. Dr. Rafael Eduardo Gutiérrez Giraldo

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português-Espanhol.

Data da avaliação: 09/12/2024


Examinada por:


Prof. Dr. Rafael Eduardo Gutiérrez Giraldo
UFRJ (Presidente da Banca Examinadora) NOTA: 9,5

Prof. Dra. Elena Cristina Palmero González
UFRJ (Leitor Crítico) NOTA: 9,5

MÉDIA: 9,5

Assinaturas dos avaliadores:

Documento assinado digitalmente
 **RAFAEL EDUARDO GUTIERREZ GIRALDO**
Data: 09/12/2024 12:50:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 **ELENA CRISTINA PALMERO GONZALEZ**
Data: 09/12/2024 16:05:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Rio de Janeiro
Dezembro de 2024

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Ricardo Silva e Kellen Cristina Lima, por sempre me apoiarem e acompanharem todo meu caminho na graduação, tanto nos aprendizados quanto nos momentos mais difíceis.

Ao meu irmão, Ricardo de Paula, por estar ao meu lado em todas as situações e sempre ajudar.

Ao meu orientador, Prof. Rafael Eduardo Gutiérrez Giraldo, por me aceitar e pela ajuda nesta monografia. Agradeço pelas aulas, que foram a motivação de minha pesquisa e deixo minha admiração.

À Prof. Elena Cristina Palmero González, pelo grande apoio e auxílio durante minha trajetória acadêmica, aprendi bastante e sua atenção e maneira de lidar com as pessoas contribuem na minha inspiração.

Resumo

Neste trabalho foram estudados os contos “A la deriva” e “El hombre muerto”, ambos pertencentes a Horacio Quiroga. Dessa forma, foi analisado como o natural está presente nesses contos por meio das noções da *ecoliteratura*. Na introdução, brevemente, são apresentados aspectos biográfico-literários de Quiroga, a fim de que se compreenda como o autor se relaciona com a natureza e qual a origem das características mais destacadas de suas obras. Além disso, um panorama sobre a *ecoliteratura* é feito para se entender como a consciência é despertada e qual a sua importância de discussão. Horacio Quiroga explora temas relacionados com a natureza, a transformação e os limites do humano. Assim, observa-se como se constrói o tema da natureza na produção dos contos de Horacio Quiroga numa perspectiva da *ecoliteratura*.

Palavras-chave: *Ecoliteratura*; *Ecocrítica*; Horacio Quiroga; natureza;

Resumen

En este trabajo se estudiaron los cuentos "A la deriva" y "El hombre muerto", ambos pertenecen a Horacio Quiroga. De esta manera, se analizó cómo lo natural está presente en estos cuentos por medio de las nociones de *ecoliteratura*. En la introducción, brevemente, se presentan aspectos biográfico-literarios de Quiroga, con el fin de comprender cómo el autor se relaciona con la naturaleza y cuál es el origen de las características más sobresalientes de sus obras. Además, se hace una descripción general de la *ecoliteratura* para comprender cómo se despierta la conciencia y su importancia para la discusión. Horacio Quiroga explora temas relacionados con la naturaleza, la transformación y los límites del ser humano. Así, se nota cómo se construye el tema de la naturaleza en la producción de los cuentos de Horacio Quiroga desde la perspectiva de la *ecoliteratura*.

Palabras clave: *Ecoliteratura; Ecocrítica; Horacio Quiroga; naturaleza;*

Abstract

In this research, the short stories "A la deriva" and "El hombre muerto" were studied, both belonging to Horacio Quiroga. Here was analyzed how nature appears in these tales through the notions of ecoliterature. In the introduction, briefly, biographical-literary aspects of Quiroga are presented, in order to understand how the author relates to nature and what is the origin of the most outstanding characteristics of his works. In addition, an overview of *ecoliterature* was made to understand how consciousness was awakened and its importance for discussion. Horacio Quiroga explores themes related to nature, transformation and the limits of the human. Thus, it is observed how the theme of nature was constructed by Horacio Quiroga from the perspective of *ecoliterature*.

Keywords: *Ecoliterature; Ecocritica; Horacio Quiroga; nature;*

Sumário

1. Introdução: Aspecto biográfico-literário de Horacio Quiroga	9
2. Breve panorama sobre <i>A questão da natureza / O romance da terra</i>	15
3. Panorama sobre <i>Ecoliteratura</i>	17
4. <i>A la deriva</i>	22
5. <i>El hombre muerto</i>	25
6. Considerações finais	29
Referências	30

1. Introdução: Aspecto biográfico-literário de Horacio Quiroga

Horacio Silvestre Quiroga nasceu em 1878, em Salto (Uruguai) e faleceu em 1937, em Buenos Aires (Argentina). Fatos marcantes de sua trajetória vital foram a morte de seu pai em acidente doméstico, quando o autor ainda possuía meses de vida; o suicídio de seu padrasto, com Quiroga adolescente; o assassinato sem intenção de seu melhor amigo Federico Ferrando; o suicídio de sua primeira mulher. Este horror, então, não foi apenas descoberto nos contos de Poe (uma clara influência para Quiroga) mas faziam parte da própria vida de Quiroga:

Su padre murió accidentalmente cuando aún era un bebé, su padrastro ([Quiroga] mismo lo encuentra muerto) comete suicidio, después de quedarse paralítico, accionando el gatillo de la escopeta con el dedo del pie. En 1901 murieron dos de sus hermanos; al año siguiente es el mismo Quiroga quien asesina de un involuntario tiro en la boca de su amigo Federico Ferrando; y, a los seis años de casado, en diciembre de 1915, su primera esposa se suicida con bicloruto [sic] de mercurio. El 18 de febrero de 1937, a los cincuenta y ocho años, Quiroga tiene una conversión con los médicos que lo asistían y toma conciencia de su cáncer incurable. Decide quitarse la vida. Al día siguiente, Horacio Quiroga es encontrado muerto por haber ingerido una dosis de cianuro. Fue la vitoria de su adversaria, no abstracta y siempre presente, la muerte. Para cerrar el ciclo de muertes, meses después se suicida su hija mayor, Eglé [...] y su hijo Darío, años después (Roque da Silva, 2002, p. 171).

Em relação à família, no ano de 1911 nasceu sua primeira filha, chamada Eglé e no ano seguinte chegaria Darío. Porém, em fevereiro de 1915, sua primeira esposa se suicidou. Quiroga viveu o luto com silêncio total sobre a morte e tempos depois, transmitiu a experiência no relato “El desierto”, um dos mais autobiográficos de sua produção:

Bruscamente, como sobrevienen las cosas que no se conciben por su aterradora injusticia, Subercasaux perdió a su mujer. Quedó de pronto solo, con dos criaturas que apenas lo conocían, y en la misma casa por él construida y por ella arreglada, donde cada clavo y cada pincelada en la pared eran un agudo recuerdo de compartida felicidad. Supo al día siguiente al abrir por casualidad el ropero, lo que es ver de golpe la ropa blanca de su mujer ya enterrada; y colgado, el vestido que ella no tuvo tiempo de estrenar. Conoció la necesidad perentoria y fatal, si se quiere seguir viviendo, de destruir hasta el último rastro del pasado, cuando quemó con los ojos fijos y secos las cartas por él escritas a su mujer, y que ella guardaba desde novia con más amor que sus trajes de ciudad. Y esa misma tarde supo, por fin, lo que es retener en los brazos, deshecho al fin de sollozos, a una criatura que pugna por desasirse para ir a jugar con el chico de la cocinera (Quiroga, 2004, p. 326-327).

Horacio Quiroga não apenas cultivou a arte de escrever histórias, também foi dramaturgo e poeta. Publicou seu primeiro livro de poesia, “Os recifes de coral” em 1901. Quiroga trabalhou como jornalista, professor e juiz de paz. Em 1903, começou a trabalhar como professor de literatura no ensino médio. Em 1905, trabalhou como colaborador de uma revista semanal de grande difusão chamada “Caras y Caretas”. Ele também realizou outras publicações na época como os seus famosos “Cuentos de amor de locura y de muerte” (1917) e escreveu o livro “Cuentos de la selva” (1918).

O autor participa de uma expedição para a região de Misiones no ano de 1903. Sua experiência na selva, seu contato com a natureza e os problemas locais marcam a produção literária de Quiroga, que acaba se isolando do mundo:

Misiones en la época de Quiroga, era casi aislado de toda civilización. Su fauna perpetuamente al acecho, su flora de emanaciones a veces mortales, su clima caracterizado por temperaturas extremas, lluvias torrenciales y períodos de sequía; los tipos regionales-aventureros, [eran] hombres fuera de la ley, aprovechadores sin escrúpulos, obreros embrutecidos por el trabajo y el alcohol [...] (Collard, 1958, p. 278).

Quiroga é conhecido por ser um dos maiores contistas latino-americanos, com suas histórias de atmosfera fantástica e macabra. Dentre seus temas, incluía a natureza em tom de pessimismo e horror, retratando a realidade de forma angustiante. O autor escreveu seus primeiros poemas aos 22 anos, com influência de Poe e Lugones. Leopoldo Lugones surgiu como referência por conta do modernismo, já Poe foi a inspiração do horror presente em seus contos.

Na primeira visita a Misiones, em 1903, Quiroga atuou como fotógrafo da expedição para as ruínas jesuíticas. Deslumbrado, compra terras em San Ignacio (Misiones) e se estabelece como colono em 1910. Escreve *A la deriva* em 7 de junho (1912), *Yaguai* em 26 de dezembro (1913) e *Un peón* em 14 de janeiro (1918), todos estes contos com destaque à natureza de Misiones e a luta do homem com o seu destino. Os acontecimentos trágicos de sua vida influenciaram os livros *Cuentos de amor de locura y de muerte* (1917) e *Anaconda* (1921):

[...] el tránsito por el Modernismo no sólo fue un paso en falso para Quiroga. No sólo lo condujo a erróneas soluciones, a la busca de la expresión creadora en el verso o en una prosa recargada de resabios poéticos. Esa experiencia fue también formadora. Actuó providencialmente. Arrojado al abismo, pudo perderse Quiroga, como tantos de su generación. De su temple, de su esencial sabiduría, da fe el que haya sabido cerrar con dura mano el ciclo poético de su juventud e iniciar lenta, cautelosamente, su verdadero destino de narrador. La doble maduración —humana, literaria— habría de conducirlo al descubrimiento de Misiones (como

territorio de creación); también habría de conducirlo al descubrimiento entrañable de sí mismo, a la objetividad. (Monegal, 1961, p. 150).

Quiroga, reflète essas experiências em sua obra. Ele mistura elementos fantásticos e macabros com o cotidiano das cidades pacatas do interior, especialmente na região de Misiones. Neste sentido, a obra do autor possui características regionalistas, não buscava “el color local”, mas sim o ambiente de interior e o homem que habita estes espaços. A selva, o rio, a fauna e o clima formam o cenário em que seus personagens se movem, padecem e frequentemente encontram a morte. Quiroga retratou e recriou a frieza natural dos animais:

Aquí está la raíz de su hombre salvaje, de su hombre trágico. Volvió la espalda al mundo occidental reconstruido en ambas márgenes del Plata, se encerró en la selva y en sí mismo, construyó su casa y su hogar con sus manos, con su sangre y también con sus lágrimas. Consiguió lo que quería. Y tuvo que pagarlo, y a qué precio. En el último año de su vida, en los largos días y noches que precedieron al suicidio, fue derramando cada vez más copiosamente el tesoro de ternura que había preservado intacto tantos años, sobre los seres que lo acompañaron en su pasión. [...] los episodios de sus últimos años: la arbitraria destitución de su cargo de cónsul uruguayo en Misiones; los penosos, lentísimos trámites de su jubilación; el divorcio de su hija Eglé, tan parecida a él, tan desdichada; las desavenencias con su segunda esposa que casi lo conducen al divorcio; el crecimiento implacable de su enfermedad (Monegal, 1961, p. 160).

O horror e a crueldade fazem parte central da obra do autor. O conto “La gallina degollada” (publicado em 10 de julho de 1909), por exemplo, contribuiu para a construção da imagem de um Quiroga sádico em relação ao sofrimento. O conto relata a história de uma menina assassinada pelos seus quatro irmãos:

Pero la mirada de los idiotas se había animado; una misma luz insistente estaba fija en sus pupilas. No apartaban los ojos de su hermana, mientras creciente sensación de gula bestial iba cambiando cada línea de sus rostros. Lentamente avanzaron hacia el cerco. La pequeña, que habiendo logrado calzar el pie, iba ya a montar a horcajadas y a caerse del otro lado, seguramente, sintióse cogida de la pierna. Debajo de ella, los ocho ojos clavados en los suyos le dieron miedo. —¡Soltáme! ¡Déjame! —gritó sacudiendo la pierna. Pero fue atraída. —Mamá, ¡ay! Ma... —No pudo gritar más. Uno de ellos le apretó el cuello, apartando los bucles como si fueran plumas, y los otros la arrastraron de una sola pierna hasta la cocina, donde esa mañana se había desangrado a la gallina, bien sujeta, arrancándole la vida segundo por segundo. Mazzini, en la casa de enfrente, creyó oír la voz de su hija (Quiroga, 2004, p. 70).

“El hombre muerto” (1920), traz à ficção um sentimento muito alucinado do autor e “La cámara oscura” (1920), mistura realidade e pesadelo em um relato mais tenebroso: a sua angústia diante da morte de sua mulher e a liberdade que o contato da natureza traz:

El hombre y su machete acababan de limpiar la quinta calle del bananal. Faltábanles aún dos calles; pero como en éstas abundaban las chircas y malvas silvestres, la tarea que tenían por delante era muy poca cosa. El hombre echó en consecuencia una mirada satisfecha a los arbustos rozados, y cruzó el alambrado para tenderse un rato en la gramilla. Mas al bajar el alambre de púa y pasar el cuerpo, el pie izquierdo resbaló sobre un trozo de corteza desprendida del poste, a tiempo que el machete se le escapaba de la mano. Mientras caía, el hombre tuvo la impresión sumamente lejana de no ver el machete de plano en el suelo **(Quiroga, 2004, p. 259)**.

No livro *Cuentos de amor de locura y de muerte* - o autor propositalmente não colocou uma vírgula entre a palavra amor e a seguinte, pois ele não gostava de vírgulas em seus títulos - surgem as três dominantes de seu mundo real, fundidas numa mesma obra. Explorou o amor, pois seus escritos mostram que foi um apaixonado sentimental. Em “Pasado amor”, há a evocação da mulher já falecida.

Em “Los perseguidos”, escreve um relato que explora a sua obsessão com a temática “del doble” e que atravessa o assassinato involuntário de seu amigo Ferrando. Cheia de relatos de Misiones, aqui se encontra a técnica do conto de Poe, um dos seus mestres somado a Maupassant, Dostoievski, Chejov, Kipling, Conrad, Wells, referências que ele traz da tradição narrativa. A loucura não foi somente um tema literário, ela acompanhava Quiroga durante sua vida:

—“En cuanto me levante –pensé con angustia– me va a matar de un tiro”. Pero a pesar de todo me puse de pie, acercándome para despedirme. Díaz, con una brusca sacudida, se volvió a mí. Durante el tiempo que empleé en llegar a su lado su respiración suspendióse y sus ojos clavados en los míos adquirieron toda la expresión de un animal acorralado que ve llegar hasta él la escopeta en mira.
—Que se mejore, Díaz...
No me atrevía a extender la mano; mas la razón es cosa tan violenta como la locura y cuesta horriblemente perderla. Volvió en sí y me la dio él mismo.
—Venga mañana, hoy estoy mal.
—Yo creo...
—No, no, venga; ¡venga! –concluyó con imperativa angustia **(Quiroga, 2004, p. 40)**.

No conto “Juan Darién” (1920), a transformação do personagem de humano para tigre representa metaforicamente o regresso ao seu natural autêntico, que havia sido suprimido pela imposição social. Os habitantes da aldeia de Juan Darién, ao descobrirem a verdadeira identidade dele, respondem com atos violentos ao que se é percebido como ameaça. Por conta disso, o autor provoca a reflexão da noção de civilização e barbárie, ou seja, uma observação sobre a natureza humana e o questionamento: quem realmente representa o “selvagem”?

Quiroga soube destacar os pontos mais importantes da sua estética em seu *Decálogo*, no qual afirma que num bom conto as três primeiras linhas têm quase a mesma importância das três últimas, estas encerram e marcam a morte do personagem no conto “A la deriva”: “El hombre estiró lentamente los dedos de la mano. —Un jueves... Y cesó de respirar” (Quiroga, 2004, p. 109). A característica surge também nas três primeiras linhas do conto “A la deriva”:

El hombre pisó algo blanduzco, y enseguida sintió la mordedura en el pie. Saltó adelante, y al volverse con un juramento vio una yararacusú que arrollada sobre sí misma esperaba otro ataque. El hombre echó una veloz ojeada a su pie, donde dos gotitas de sangre engrosaban dificultosamente, y sacó el machete de la cintura. La víbora vio la amenaza, y hundió más la cabeza en el centro mismo de su espiral; pero el machete cayó de lomo, dislocándole las vértebras. El hombre se bajó hasta la mordedura, quitó las gotitas de sangre, y durante un instante contempló. Un dolor agudo nacía de los dos puntitos violetas, y comenzaba a invadir todo el pie. Apresuradamente se ligó el tobillo con su pañuelo y siguió por la picada hacia su rancho (Quiroga, 2004, p. 106).

No ano de 1926, publica-se *Los desterrados*, o livro mais homogêneo de Quiroga pois um território de fronteiras é gerado, ou seja, o autor caracteriza este espaço com perigos na natureza e inóspito. Este ambiente, marcado por situações difíceis, torna-se uma ambientação que explora a resistência e a tentativa de sobrevivência do homem que vive na região:

[...] o território missioneiro vivido e criado por Quiroga é um território fronteiro e são fronteirões seus personagens, e também o próprio autor. Desde estas condições de *ser* e de *estar* na fronteira, serão analisadas as dinâmicas formuladas por Quiroga em suas narrativas, centralizando nas manifestações da linguagem fronteira das mesmas e as relações de poder que formam parte desse mundo (Cruz; Sosa Vota, 2017, p. 80).

Durante a sua trajetória, o autor passou a viver nas fronteiras, ou seja, no ambiente da natureza, na paisagem periférica, onde escolheu seu próprio mundo marginal e selvagem experimentando posição igual à da personagem de seu conto "A la deriva", isto é, à deriva da sociedade.

Quiroga postula a “volta à natureza”, assim a uma vida essencial. “A natureza, na obra de Horacio Quiroga, não só revela a saga do homem na luta contra a morte, mas também a inexorabilidade do destino, este destino avassalador que impede a resistência” (Brito, 2002, p. 3).

Quiroga abordava na maior parte de suas obras a selva e a natureza como plano de fundo e neste a figura do humano encarava um inimigo hostil e desconhecido, colocando

sua capacidade de sobrevivência à prova. A selva proporciona vários elementos para fantasiar: o desconhecido, os animais e o clima. As obras de Quiroga exploram o comportamento do homem quando exposto às situações limites e este impacto do natural na essência dos personagens da contística quiroguiana.

Precursor do denominado conto realista na América hispânica, Quiroga foi um escritor que viveu de forma intensa e por isso tinha a tendência pelo registro de suas vivências terríveis, como uma catarse que liberava seus demônios interiores.

2. Breve panorama sobre a questão da natureza / o Romance da terra

De acordo com o cânone naturalista, a representação da realidade era realizada com máximo de objetividade e a paisagem retratada era selvagem, ambiente no qual o homem põe a sua resistência física e sua espiritualidade à prova. O comportamento dos indivíduos, vegetais e animais será determinado pelo ambiente natural no qual se encontram, fato decisivo para o desfecho de sobrevivência ou não. Esta natureza está presente tanto como protetora quanto destruidora. A partir da valorização da paisagem, ocorre um deslocamento do homem do lugar de protagonista para gerar o conceito *novela de la tierra*.

A temática predominante nos anos 1920 a 1930 foi a da Civilização contra a Barbárie, o natural como inimigo, a terra torna-se a protagonista exuberante e os autores do movimento buscam a liberdade do atraso cultural. A *novela de la tierra* surge historicamente com o propósito de fazer uma descrição da sociedade de forma realista, há uma combinação de gêneros que ressalta a cultura e os costumes de comunidades de cada região. Dentre as características da *novela de la tierra* está o ambiente rural sendo transformado em protagonista do enredo e como entidade viva. Destacam-se como principais características: a técnica de descrição; uso de humor e ironia; revela a conduta da sociedade como um dos objetivos; busca a identidade cultural; utiliza alguns regionalismos em sua linguagem.

Horacio Quiroga foi um dos precursores do *criollismo* na América Latina, representando a selva como um lugar sagrado onde o indivíduo, que é arrancado de sua origem, é convocado a testar sua condição. A natureza cumpre então seu papel de iniciadora de um rito de passagem no qual nem todos se tornam vencedores. Nos contos “El hombre muerto” e “A la deriva”, a perspectiva do narrador destaca-se pelo fluxo de pensamentos e pela percepção extra sensorial. O autor começa a tradição narrativa na qual o “civilizado” batalha contra a natureza “bárbara”, somando outra significação a ideia de “civilização e barbárie”. Assim, a temática torna-se discussão central latinoamericana representativa do *criollismo*.

A angústia de Horacio Quiroga diante da morte traz uma urgência existencial, ou seja, o interesse de tratar a questão do ser humano no mundo, seja pela inquietude ou pelo temor da especulação sobre “o ser e o conhecer”. Esta preocupação do homem e da sua existência no mundo foi conhecida no Ocidente filosoficamente como “existencialismo”,

abordando o fato do homem ser responsável pelas suas próprias ações. Quiroga, por sua raiz modernista e do *criollismo*, busca refletir sobre a existência humana:

La visión que del hombre tiene Quiroga como ser abocado a la muerte se enmarca dentro de lo que algo después comporta buena parte del existencialismo filosófico como visión de la presencia trágica del hombre en el mundo. En la mezcla de la dimensión trágica de lo criollo literario y la propia tragedia biográfica de Quiroga cuaja un talante angustiadamente existencial del que da testimonio su cuentística (Acereda, 2001, p. 8).

A primeira obra deste tipo foi “La Vorágine” (1924) do escritor colombiano José Eustasio Rivera, os marginalizados socialmente encontram-se na selva e o crime deixa de ter uma característica de monstruosidade na sociedade, sendo um meio de dominação. A obra revela condições de tortura e exploração de trabalhadores na selva amazônica, assim como a denúncia de devastação da terras e exploração dos recursos naturais pelos empresários. A violência provoca uma situação alucinante, na qual a natureza é ativa e acompanha o terror humano.

Outro representante da *novela de la tierra* é o autor venezuelano Rómulo Gallegos, com a sua obra “Doña Bárbara” (1929). A obra de Gallegos relaciona-se ao aspecto político de regeneração social. O estilo linguístico é utilizado para converter seu país a uma realidade universal. No regionalismo, inspira-se na terra americana e expõe o conflito do natural selvagem e a necessidade da civilização moderna e assim, surge o tópico da civilização e barbárie e a natureza aparece como protagonista da narração. Na parte inicial de “Doña Bárbara”, há uma introdução sobre os personagens: Doña Bárbara como a força natural e Santos Luzardo mostrando a civilização. Após, a mulher surge como “devoradora de homens” fixando a atenção em Luzardo.

3. Panorama sobre *Ecoliteratura*

Na obra “Cuentos de la Selva”, publicada em 1918, contos como “La anaconda”, “El regreso de Anaconda” e “Juan Darién” formam um conjunto que explora a relação entre o homem e a natureza, em geral o “dizer” humano apresenta a temática de destruição do natural, em um tipo de batalha, na qual a natureza representa uma força e ameaça aos seres humanos e por esta justificativa, deveria ser combatida e destruída. Esta relação na selva, constitui uma série de conexões entre as espécies e o ambiente e tudo possui um mesmo final: a morte.

Quiroga passa a mensagem de que uma vida equivale à outra, justamente fato estudado pelas Ciências Ecológicas com o objetivo de compreender as relações ecológicas entre os organismos e suas consequências. Assim, neste ambiente de total tensão, as espécies surgem como sobreviventes na selva, pois na visão dos humanos, os seres da natureza são vistos como ameaça, alimento ou devoradores. O autor, em seu modo de escrita, escuta o “dizer” da natureza e o transcreve para seus contos. Dessa forma, Quiroga concentrou-se em inventar uma “linguagem selvagem” da América, diferentemente dos autores de sua época que tinham como inspiração os modelos vindos da Europa.

O conto “El hombre muerto” (presente na antologia *Los desterrados*, 1926) de Quiroga pode ser estudado pelo caminho da crítica ecológica. A *ecocrítica* corresponde ao espaço de interseção entre os estudos literários e os ecológicos. A ecologia surge como uma ciência recente, vinda da química e da biologia, mais precisamente da relação entre elas. O estudo concentra-se nas interações entre os seres vivos com o meio em que vivem, e estas interações têm por objetivo o equilíbrio:

Permítanme comenzar contextualizando lo que por conveniencia ha dado en llamarse «ecocrítica», mediante lo cual designamos el espacio en el que se superponen los estudios literarios o culturales y los ambientales o ecológicos. La ecología es una ciencia relativamente nueva, pues hizo su aparición en la literatura científica sólo en la década de 1860, cuando sus disciplinas de origen, la química y la biología, se habían consolidado lo suficiente para permitir el estudio de las relaciones entre ambas. La ecología estudia las interacciones entre dos o más organismos y con el medio ambiente que sostiene dichos organismos. Se trata, en suma, de conectividad (no necesariamente en el sentido tecnológico), diversidad, sostenibilidad y equilibrio. Como de costumbre, las etimologías nos ayudan a entender las bases del concepto. La «ecología» está conformada por dos raíces, ambas del griego antiguo, oikos y logos. Oikos significa «casa» u «hogar». Logos

puede significar «palabra», «lógica» u «orden». Para decirlo en términos simples, ecología significa «el orden de la casa», entendiendo «casa» en el sentido de nuestros alrededores naturales. naturales. Lo que los humanos parecen no querer aprender —al menos en la práctica, porque comprender las ideas no es tan difícil realmente— es que ensuciar nuestra casa, o causar desorden al menos, amenaza nuestro bienestar e incluso nuestra supervivencia (Tittler, 2007, p. 200).

Segundo Cheryll Glotfelty, editora de *The Ecological Criticism Reader* (1996), a definição de *ecocrítica* consiste na relação entre a literatura e o meio ambiente, assim busca-se uma perspectiva *centrada na terra* ao introduzir os estudos literários e assim ler os textos observando a *interação* entre o homem e a natureza:

[...] la ecocrítica es el estudio de la relación entre la literatura y el medio ambiente físico. Al igual como un(a) crítico(a) feminista examina la lengua y la literatura desde una perspectiva con conciencia de género, y la crítica marxista ofrece una conciencia de los modos de producción y la clase económica a su lectura de textos, la ecocrítica adopta un enfoque centrado en la tierra para abordar los estudios literarios (Glotfelty, 1996, p. xix).

Em “El hombre muerto”, o enredo ocorre na selva da região norte da Argentina, na qual um indivíduo solitário luta para sobreviver, mas acaba morrendo. O narrador é onisciente em terceira pessoa que conduz a narrativa central até a descrição de um cavalo doméstico. Após estar empalado em sua própria machete, a agonia do homem continua na narração:

¿Aún?... No han pasado dos segundos: el sol está exactamente a la misma altura; las sombras no han avanzado un milímetro. Bruscamente, acaban de resolverse para el hombre tendido las divagaciones a largo plazo: se está muriendo. Muerto. Puede considerarse muerto en su cómoda postura. Pero el hombre abre los ojos y mira. ¿Qué tiempo ha pasado? ¿Qué cataclismo ha sobrevenido en el mundo? ¿Qué trastorno de la naturaleza trasuda el horrible acontecimiento? Va a morir. Fría, fatal e ineludiblemente, va a morir. El hombre resiste— ¡es tan imprevisto ese horror! Y piensa: es una pesadilla; ¡eso es! ¿Qué ha cambiado? Nada. Y mira: ¿no es acaso ese bananal su bananal? ¿No viene todas las mañanas a limpiarlo? ¿Quién lo conoce como él? Ve perfectamente el bananal, muy raleado, y las anchas hojas desnudas al sol. Allí están, muy cerca, deshilachadas por el viento. Pero ahora no se mueven... Es la calma de mediodía; pronto deben ser las doce (Quiroga, 2004, p. 260).

Ao final, percebe-se a mudança do centro de atenção da vítima, que observa seu cavalo e os verbos utilizados *tranquilizar* e *descansar* amenizam a situação de tensão na qual o personagem passava durante a situação:

Puede aún alejarse con la mente, si quiere; puede si quiere abandonar un instante su cuerpo y ver desde el tajamar por él construido, el trivial paisaje de siempre: el pedregullo volcánico con gramas rígidas; el bananal y su arena roja; el alambrado empequeñecido en la pendiente, que se acoda hacia el camino. Y más lejos aún ver el potrero, obra sola de sus manos. Y al pie de un

poste descascarado, echado sobre el costado derecho y las piernas recogidas, exactamente como todos los días, puede verse a él mismo, como un pequeño bulto asoleado sobre la gramilla –descansando, porque está muy cansado...Pero el caballo rayado de sudor, e inmóvil de cautela ante el esquinado del alambrado, ve también al hombre en el suelo y no se atreve a costear el bananal, como desearía. Ante las voces que ya están próximas —!Piapiá!—, vuelve un largo, largo rato las orejas inmóviles al bulto: y tranquilizado al fin, se decide a pasar entre el poste y el hombre tendido —que ya ha descansado (Quiroga, 2004, p. 262-263).

Dessa forma, obtêm-se a ideia de que a morte é o destino humano, sendo o mesmo para todos os organismos, que o homem representa uma entidade mínima no vasto cosmos e o natural possui um poder de “domesticar” a ambição do homem:

La interacción humana con la naturaleza, que parece ser importante desde adentro (para el individuo), es, desgraciadamente, efímera y de una trascendencia tan solo ilusoria. El destino último del género humano es ser como la cerca y el machete, el caballo y el soto de banano, una entidad minúscula en un cosmos inmenso. Que esta verdad se articule por medio de la forma cultural muy especializada de la narrativa de ficción (una de cuyas principales funciones es producir significado mediante una representación lingüística del mundo) no es la menor de las ironías que este texto produce. Si en la naturaleza del género humano está el producir cultura —de la cual hace parte y está aparte—, es también propio de la naturaleza humana cometer errores, algunos de los cuales pueden ser letales. Parecería que un rol de la naturaleza humana es recordarle al Hombre cuál es el lugar que le corresponde y cuáles los límites de sus posibilidades. En el caso de «El hombre muerto», la naturaleza funciona como un enorme y desapasionado mecanismo que funciona silenciosa y eficientemente. No se necesita hablar por la tierra cuando sus silencios son tan contundentes (Tittler, 2007, p. 203-204).

Outra característica relacionada ao estudo na *ecocrítica* é o interesse pelo tema em detrimento da forma, o “exagero” selvagem de personagens não impede uma leitura de como estes se relacionam com a natureza na qual se encontram. Quiroga, como escritor regionalista, ao registrar o medo e ao mesmo tempo o respeito diante do poder grandioso do natural, aborda uma visão contemporânea da relação entre o humano e a natureza. Assim a ironia gerada desta relação foi um ponto fundamental para que a discussão dos autores da atualidade fosse ampliada.

É importante acrescentar que toda a crítica ecológica compartilha a ideia de que a cultura humana está conectada ao mundo físico, afetando-o e sendo afetada por ele:

A pesar de su amplio espectro de investigación y de los variados niveles de sofisticación posibles, toda la crítica ecológica comparte la premisa fundamental de que la cultura humana está conectada al mundo físico, afectándolo y siendo afectada por él. La ecocrítica toma como objeto de estudio las interconexiones entre la naturaleza y la cultura, en especial los artefactos culturales de la lengua y de la literatura. Como postura crítica, tiene un pie en la literatura y otro en la tierra. Como discurso crítico, negocia entre lo humano y lo no-humano (Glottfelty, 2010, p. 54).

Pode-se comparar a *ecocrítica* com outras correntes teóricas como a teoria literária, que conecta escritores, textos e mundo (esfera social), já a *ecocrítica* amplia esta visão de “mundo” incluindo toda a ecosfera, com interação da matéria, energia e *ideias*. O termo *ecocrítica* surgiu pela primeira vez no ensaio “Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism”(1978) de William Rueckert, representando a relação entre literatura, natureza, cultura e arte: “la aplicación de la ecología y de conceptos ecológicos al estudio de la literatura” (Rueckert, 1978, p.71).

Outros conceitos utilizados são *ecopoética* e *estudos culturais verdes*, mas o termo *ecocrítica* é o mais usado por conta de sua extensão e de seus estudos das relações entre o mundo físico e a cultura do homem. O prefixo *Eco-* indica uma noção de que os humanos e o meio natural representam comunidades que são interdependentes com diversas conexões entre si.

A discussão que permeia os estudos *ecocríticos* é a confirmação de que a sociedade está inserida em um tempo de crise ambiental, na qual a natureza permanece em situação limite devido às ações do homem causando danos graves aos sistemas ecológicos, que são a base para a vida no planeta. Diante disso, há a necessidade de os humanos encontrarem maneiras de mudar seu estilo de vida, pois sem transformações, a ameaça de catástrofe está cada vez mais iminente. No reconhecimento de culpa nos problemas ambientais, observa-se a origem como subproduto da cultura:

En la actualidad nos enfrentamos a una crisis global, no por cómo funcionan los ecosistemas sino más bien por cómo funcionan nuestros sistemas éticos. Superar la crisis no solo requiere comprender nuestro impacto en la naturaleza de la manera más precisa posible, sino también comprender dichos sistemas éticos y utilizar esa comprensión para reformarlos. Los historiadores, junto con los literatos, los antropólogos y los filósofos no pueden realizar dicha reforma pero pueden fomentar la comprensión (Worster, 1994, p. 27).

Na literatura, autores formulam enredos com a presença do meio ambiente não somente como lugar da história, mas como um “personagem” a mais na obra que tem relação com o homem, aflorando a vinculação dos humanos com a terra. Já na psicologia, existem variadas pesquisas que apontam o envolvimento entre as condições ambientais e a saúde mental, considera-se o atual distanciar do homem em relação à natureza como gerador de doenças sociais e psicológicas.

A natureza em si não compreende a única forma de representação na *ecocrítica*, observam-se animais, regiões específicas, corpos, fronteiras e rios, por exemplo. A partir disso, os estudos possuem a finalidade de despertar as consciências, ou seja, estimular a

reflexão sobre como resolver os problemas ambientais, visto que não há discussão suficiente a respeito do assunto. No futuro, projeta-se que os estudos *ecocríticos* se tornarão mais multiculturais e interdisciplinares.

A partir de sua experiência em Misiones, Quiroga apresenta em suas obras uma selva exuberante em biodiversidade que se torna protagonista para mostrar seu poder diante da fragilidade humana. Através de suas histórias, o autor trata de questões morais e éticas relacionadas com o vínculo ao natural e desperta reflexões sobre a ação humana na natureza e suas consequências catastróficas. Devido a isso, a obra de Quiroga pode ser considerada quiçá como uma precursora da *ecoliteratura* latinoamericana moderna, que analisa as relações mais complexas do homem com a natureza promovendo, assim, o despertar de consciência e respeito ao natural.

4. *A la deriva*

No livro *Cuentos de amor de locura y de muerte*, publicado pela primeira vez em 1917, o mistério da selva se mistura com fatores psicológicos. O conto começa com Paulino, protagonista forte, obstinado e arrogante, que é picado por uma cobra venenosa no pé. No mesmo instante, golpeia e mata a cobra com um machado, mas o veneno, já em seu organismo, gera uma dor insuportável que se estende a todo o seu corpo. Com o pé inchado, pede a sua mulher no rancho que sirva cachaça, pois estava sedento. Com sua canoa atravessa o Rio Paraná a fim de buscar ajuda na cidade de Tacurú-Pucú. Porém, a sua situação piora e ele não consegue chegar ao destino. Ele tenta pedir ajuda ao amigo Alves, mas sem sucesso. Assim, a canoa permanece à deriva. Há um momento em que se sente melhor, a sede diminuía, a dor na perna passava e a respiração ficava lenta, mas, continuava à deriva, sentia o corpo gelado, até a sua morte.

Para Saúl Yurkievich (1990) o naturalismo científico que encontramos na obra de Quiroga pode ter por inspiração Edgar Allan Poe e o conflito que move a ação é a luta do homem contra a natureza bárbara e implacável. Dessa maneira, a selva adquire um caráter antagonista. O humano surge como protagonista e dessa batalha a natureza prevalece como a vencedora.

No conto “A la deriva” a figuração do animal (a serpente venenosa) e a luta pela sobrevivência de Paulino revelam as tensões entre o humano e o natural, especialmente quando Paulino busca ajuda e enfrenta a indiferença da natureza e da sociedade. Em suma, Quiroga, por meio de seu relato, nos convida a refletir sobre a complexidade das relações entre humanos e animais, revelando a fragilidade, a conexão com o mundo natural e assim o fatalismo da morte está claro, uma vez que os esforços contra a natureza são em vão:

El viaje por el río es un viaje de retorno en el tiempo. Quiroga asciende décadas, siglos, eras. Quiere probarse definitivamente. Medirse con la única vara que no ha cambiado desde que la vida emergió oscura del seno del mar; medirse con una naturaleza que no premia ni perdona, la naturaleza que él necesita (Monegal, 1967, p. 75).

Segundo Arango (1982), a paisagem anuncia a chegada da morte e o rio representa um presságio fúnebre: “las palabras hoya, encajonan, lúgubre, silencio de muerte, [que] son portadoras de símbolos de muerte para el campesino de Misiones” (Arango, 1982, p. 156). A temática da morte surge como um fato inesperado para as vítimas diante de um acidente

ocorrido na selva. Além disso, especificamente nestes contos analisados, os personagens apresentam uma negação da morte, sendo esta um fator natural e inevitável:

Tema constante en los cuentos de Horacio Quiroga es el de la muerte. A principio de su carrera literaria, este tema comparte la atención del autor con los de la locura y el amor. Pero desde su radicación en el monte misionero el cuentista publica, con persistencia notable, numerosos cuentos que tratan el fenómeno de la muerte. En realidad, hay pocos escritores que, como Quiroga, maticen con tanta riqueza la confrontación entre el hombre y la muerte (Shoemaker, 1978, p. 248).

Nos contos aqui estudados, a morte de maneira trágica é destaque unida ao mistério que rodeia o enredo desde o início. Em “A la deriva”, o personagem principal Paulino, depois de ser picado por uma cobra, encontra-se gravemente ferido e passa por uma morte dolorosa e lenta. Um fato importante é a descrição desta morte, a dor pulsante alastra-se por seu corpo e ele é tomado por uma paralisia que culmina em sua morte:

El dolor en el pie aumentaba, con sensación de tirante abultamiento, y de pronto el hombre sintió dos o tres fulgurantes puntadas que como relámpagos habían irradiado desde la herida hasta la mitad de la pantorrilla. Movía la pierna con dificultad; una metálica sequedad de garganta, seguida de sed quemante, le arrancó un nuevo juramento. Llegó por fin al rancho, y se echó de brazos sobre la rueda de un trapiche. Los dos puntitos violeta desaparecían ahora en la monstruosa hinchazón del pie entero. La piel parecía adelgazada y a punto de ceder, de tensa. Quiso llamar a su mujer, y la voz se quebró en un ronco arrastre de garganta reseca. La sed lo devoraba (Quiroga, 2004, p. 106).

Os dois contos retratam a selva de Misiones, em “A la deriva” o Rio Paraná ganha destaque por Paulino seguir com a sua canoa até a localidade remota *Tacurú-Pacú*. A partir da descrição, percebe-se um aspecto fúnebre, acompanhando a sensação de mal estar do personagem após a picada. O ambiente é retratado como escuridão, paisagem agressiva e águas barrentas que resulta num silêncio mortal:

El Paraná corre allí en el fondo de una inmensa hoya, cuyas paredes altas, de cien metros, encajonan fúnebremente el río. Desde las orillas, bordeadas de negros bloques de basalto, asciende el bosque, negro también. Adelante, a los costados, detrás, la eterna muralla lúgubre, en cuyo fondo el río arremolinado se precipita en incesantes borbollones de agua fangosa. El paisaje es agresivo y reina en él un silencio de muerte. Al atardecer, sin embargo, su belleza sombría y calma cobra una majestad única. El sol había caído ya cuando el hombre, semitendido en el fondo de la canoa, tuvo un violento escalofrío. Y de pronto, con asombro, enderezó pesadamente la cabeza: se sentía mejor. La pierna le dolía apenas, la sed disminuía, y su pecho, libre ya, se abría en lenta inspiración (Quiroga, 2004, p. 108).

A linguagem de Quiroga é simples e direta, mas origina uma tensão até a chegada do encerramento marcado pela morte do personagem. Assim, o autor retoma à natureza a fim

de reduzir a velocidade do enredo. No rio, o personagem Paulino passa por uma sensação de falso bem-estar antes de culminar na sua morte, Quiroga descreve a paisagem aqui deslumbrante e serena:

[...] El cielo, al Poniente, se abría ahora en pantalla de oro, y el río se había coloreado también. Desde la costa paraguaya, ya entenebrecida, el monte dejaba caer sobre el río su frescura crepuscular en penetrantes efluvios de azahar y miel silvestre. Una pareja de guacamayos cruzó muy alto y en silencio hacia el Paraguay. Allá abajo, sobre el río de oro, la canoa derivaba velozmente, girando a ratos sobre sí misma ante el borbollón de un remolino. El hombre que iba en ella se sentía cada vez mejor, y pensaba entretanto en el tiempo justo que había pasado sin ver a su ex patrón Dougald. ¿Tres años? Tal vez no, no tanto. ¿Dos años y nueve meses? Acaso. ¿Ocho meses y medio? Eso sí, seguramente **(Quiroga, 2004, p. 108)**.

Em relação à estrutura, a voz narrativa em terceira pessoa cria um tempo subjetivo que se une ao cronológico, ou seja, ao verificar as ações, percebe-se que o tempo avança rapidamente enquanto o veneno espalha-se pelo corpo de Paulino. Além disso, Quiroga omite as características dos personagens (Paulino e sua mulher Dorotea), somente é possível analisar o perfil de Paulino através de suas ações e pensamentos:

Los dolores fulgurantes se sucedían en continuos relampagueos y llegaban ahora hasta la ingle. La atroz sequedad de garganta, que el aliento parecía caldear más, aumentaba a la par. Cuando pretendió incorporarse un fulminante vómito lo mantuvo medio minuto con la frente apoyada en la rueda de palo. Pero el hombre no quería morir, y descendiendo hasta la costa subió a su canoa. Sentóse en la popa y comenzó a palear hasta el centro del Paraná. Allí la corriente del río, que en las inmediaciones del Iguazú corre, seis millas, lo llevaría antes de cinco horas a Tacurú-Pacú. El hombre, con sombría energía, pudo efectivamente llegar hasta el medio del río; pero allí sus manos dormidas dejaron caer la pala en la canoa, y tras un nuevo vómito –de sangre esta vez– dirigió una mirada al sol que ya trasponía el monte **(Quiroga, 2004, p. 107)**.

5. *El hombre muerto*

“El hombre muerto”, foi publicado em *La Nación* de Buenos Aires em 1920 e mais tarde no livro *Los desterrados* (1926). Quiroga ao descrever o acidente trágico, não demonstra compaixão, apenas a indiferença da natureza ao redor do personagem principal. No momento do acidente com o machete, a situação apresenta-se estática, no sentido que o homem está com o machete cravado em seu ventre e caído ao chão, mas a partir do momento do fluxo de pensamentos, o enredo torna-se dinâmico. A questão do tempo, importante para a existência e essência do homem, pode ser notado na seguinte citação:

Ya estaba tendido en la gramilla, acostado sobre el lado derecho, tal como él quería. La boca, que acababa de abrirse en toda su extensión, acababa también de cerrarse. Estaba como hubiera deseado estar, las rodillas dobladas y la mano izquierda sobre el pecho. Sólo que tras el antebrazo, e inmediatamente por debajo del cinto, surgían de su camisa el puño y la mitad de la hoja del machete; pero el resto no se veía. El hombre intentó mover la cabeza, en vano. Echó una mirada de reojo a la empuñadura del machete, húmeda aún del sudor de su mano. Apreció mentalmente la extensión y la trayectoria del machete dentro de su vientre, y adquirió, fría, matemática e inexorable, la seguridad de que acababa de llegar al término de su existencia (Quiroga, 2004, p. 259).

Assim, a maneira na qual o personagem encontra-se ao solo após a tragédia lembra uma posição fetal, ou seja, aludindo ao tempo do nascer/vida e contrapondo ao momento do enredo da aproximação da morte. A precisão temporal dada por Quiroga neste conto, colabora com a construção do trágico e da angústia:

Nada, nada ha cambiado. Sólo él es distinto. Desde hace dos minutos su persona, su personalidad viviente, nada tiene ya que ver ni con el potrero, que formó él mismo a azada, durante cinco meses consecutivos; ni con el bananal, obra de sus solas manos. Ni con su familia. Ha sido arrancado bruscamente, naturalmente, por obra de una cáscara lustrosa y un machete en el vientre. Hace dos minutos: se muere. El hombre, muy fatigado y tendido en la gramilla sobre el costado derecho, se resiste siempre a admitir un fenómeno de esa trascendencia, ante el aspecto normal y monótono de cuanto mira. Sabe bien la hora: las once y media... El muchacho de todos los días acaba de pasar sobre el puente (Quiroga, 2004, p. 261).

Quiroga faz uso de alguns recursos narrativos como o *flashback*, o que torna a narrativa mais dinâmica e a perspectiva narrativa alterna-se entre narrador onisciente e o ponto de vista do personagem, logo o leitor conhece os sentimentos e pensamentos dos protagonistas para compreender suas ações.

É relevante mencionar que Quiroga possui a capacidade de dar um caráter universal a um acontecimento particular com a finalidade de buscar uma reflexão sobre o valor da existência e da morte. O homem ferido, pouco a pouco, divide-se entre confusão e delírio causando um pensamento de dúvida sobre se está vivo ou morto:

El autor no hace más que tomar un elemento que transcurre diariamente en la vida cotidiana: el delirio. Todo pareciera caer dentro de lo real. Esto nos llevaría a catalogar este cuento como un cuento realista: herida, delirio, muerte: son circunstancias humanas. La irrealidad aparece precisamente cuando el autor entra a un tiempo que ya no pertenece al hecho sino a posteriori: los minutos que siguen a la muerte (**Jimenez, 1979, p. 82**).

Assim, os contos estudados apresentam situações relacionadas à morte, à condição humana e à urgência existencial. A morte provém justamente de acidentes fatais: morte do homem por machete (“El hombre muerto”) e morte por picada de cobra venenosa (“A la deriva”), ou seja, pode-se perceber a ação do natural em relação ao indivíduo, este limitado pelo poder da natureza:

[...] en algunos de sus cuentos para niños, como “Juan Darién” (1920), es visible la amargura existencial de Quiroga en busca de la imposible comunión entre el hombre y la naturaleza salvaje. Es la angustia que se constata también en otros relatos de indudable calidad como “A la deriva” (1912), “Los inmigrantes” (1912) o “El desierto” (1923), narraciones todas con una angustiada muerte final de los protagonistas y con la idea de la vida como trágico fluir hacia la muerte (**Acereda, 2001, p. 15**).

José E. Etcheverry em sua análise do conto “El hombre muerto”, destaca a presença de três personagens: 1) o homem que está morrendo sem acreditar no que está acontecendo por tudo parecer natural. Ele não se conforma que um machete tenha penetrado seu ventre e que a morte, representada pelo machete, aproxima-se; 2) o homem no transe da morte, em agonia, que medita sobre o evento “insólito” que aconteceu por conta de um leve descuido, sabendo que manuseia o machete há dez anos e nunca tinha acontecido nada. Para ele, a situação na qual se encontra é um pesadelo e a morte, uma alucinação. 3) O terceiro personagem é o cavalo, Malacara, que serve de testemunha da morte de seu amo.

O uso da ironia por Quiroga em “El hombre muerto” é perceptível no modo como demonstra a inevitabilidade da morte, ou seja, em uma execução de tarefa do seu cotidiano, o personagem principal subitamente encontra-se em situação de vida ou morte. A frase simples contrasta com a gravidade da situação, salientando a ironia do destino e como o ser humano é frágil:

Solo que tras el antebrazo, e inmediatamente por debajo del cinto, surgían de su camisa el puño y la mitad de la hoja del machete; pero el resto no se veía (...) Muerto, puede considerarse muerto en su cómoda postura". En cambio, sería intolerable que alguien considerara ironía la última frase del cuento, "que ya ha descansado". Quiroga mira con recato y compasión al cadáver porque considera a la muerte como un descanso (Flores, 1990, p. 131).

O conto apresenta desta forma a luta do homem contra a morte e seu desejo de viver ao tempo que descreve de maneira detalhada o ambiente natural onde o enredo acontece:

Por entre los bananos, allá arriba, el hombre ve desde el duro suelo el techo rojo de su casa. A la izquierda, entrevé el monte y la capuera de conchas. No alcanza a ver más allá, pero sabe muy bien que a sus espaldas está el camino al puerto nuevo; y que en la dirección de su cabeza, allá abajo, yace en el fondo del valle el Paraná dormido como un lago. Todo, todo exactamente como siempre; el sol de fuego, el aire vibrante y solitario, los bananos inmóviles, el alambrado de postes muy gruesos y altos que pronto tendrá que cambiar (Quiroga, 2004, p. 260-261).

Por sua vez, o conto possui várias figuras de linguagem que contribuem para o sentido do enredo, por exemplo, o simbolismo de *machete* que atua com uma dupla significação, ou seja, tanto representa a vida, pois proporciona o sustento da família, quanto a morte, porque é a causa da morte do personagem. Há metáfora em: “El sol de fuego” (Quiroga, 2004, p. 260) e a utilização da retórica: “¿Qué tiempo ha pasado? ¿Qué cataclismo ha sobrevenido en el mundo? ¿Qué trastorno de la naturaleza trasuda el horrible acontecimiento?” (Quiroga, 2004, p. 260).

Na organização estrutural, a primeira parte mostra o acontecimento da tragédia que ocasiona a morte: “Mas al bajar el alambre de púas y pasar el cuerpo, su pie izquierdo resbaló sobre un trozo de corteza desprendida del poste, a tiempo que el machete se le escapaba de la mano.” (Quiroga, 2004, p. 259). Na segunda parte, surge a tensão vinda do interior do personagem, com seus pensamentos e medo da morte a se aproximar, além do conflito entre real e irreal advindo do agonizar:

Todo, todo exactamente como siempre; el sol de fuego, el aire vibrante y solitario, los bananos inmóviles, el alambrado de postes muy gruesos que pronto tendrá que cambiar. ¡Muerto! ¿Pero es posible? ¿No es éste uno de los tantos días en que ha salido al amanecer de su casa con el machete en la mano? ¿No está allí mismo a cuatro metros de él, su caballo, su Malacara, oliendo parsimoniosamente el alambre de púa? ¡Pero sí! Alguien silba... No puede ver, porque está de espaldas al camino; mas siente resonar en el puentecito los pasos del caballo... Es el muchacho que pasa todas las mañanas hacia el puerto nuevo, a las once y media. Y siempre silbando... Desde el poste descascarado que toca casi con las botas, hasta el cerco vivo del monte que separa el bananal del camino, hay quince metros largos. Lo sabe perfectamente bien, porque él mismo, al levantar el alambrado, midió la distancia (Quiroga, 2004, p. 260-261).

A terceira parte inicia com a visão do cavalo determinando a hora da morte com precisão: “vuelve un largo rato las orejas inmóviles al bulto; y tranquilizado al fin, se decide a pasar entre el poste y el hombre tendido, que ya ha descansado.” (Quiroga, 2004, p. 263). É importante destacar que há também um narrador em terceira pessoa, porém o tempo psicológico domina a ação em “El hombre muerto”, diferentemente do que ocorre em “A la deriva” em que o tempo cronológico prevalece.

6. Considerações finais

Nesta pesquisa, estudei os contos “A la deriva” e “El hombre muerto” de Horacio Quiroga, analisando sua estrutura e composição, tentando estabelecer uma aproximação com a tendência dos estudos literários denominada *ecocrítica*. Percebe-se que o natural e a selva, na obra de Quiroga, desempenham papéis centrais, não somente como cenários, mas como forças grandiosas que comandam o destino dos personagens.

Foram consultados como embasamento teórico os textos: “Las raíces de Horacio Quiroga” (Monegal, 1961); “Del criollismo a la urgencia existencial. Fatalidad y angustia en tres cuentos de Horacio Quiroga” (Acereda, 2001); “Una relectura ecocrítica del canon criollista: Mariano Latorre y Horacio Quiroga” (Tittler, 2007) e “Sobre dos cuentos de Horacio Quiroga: Correlación en el tema de la muerte, el ambiente y la estructura narrativa en 'A la deriva' y 'El hombre muerto’” (Arango, 1982) para estudar as características e os contos de Quiroga. Para a fundamentação da *ecocrítica* foram utilizados: “Los estudios literarios en la era de la crisis medioambiental” (Glotfelty, 2010); “Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism” (Rueckert, 1978) e “Wealth of Nature: Environmental History and the Ecological Imagination” (Worster, 1994).

O assunto tratado é de extrema urgência nos dias atuais, visto que a natureza encontra-se no centro das preocupações sociais e políticas do planeta. Falamos não somente de um aspecto entre outros, mas da verdadeira sobrevivência da espécie humana. Neste sentido, tentamos mostrar como a literatura de Quiroga já antecipava questões futuras e de um modo literário inovador explorava as tensões derivadas da relação entre o ser humano, a natureza e a animalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEREDA, Alberto. **Del criollismo a la urgencia existencial. Fatalidad y angustia en tres cuentos de Horacio Quiroga.** *Castilla: Estudios de literatura*, 26 (2001): 7-18.

ALVES-BEZERRA, Wilson. **Reverberações da fronteira em Horacio Quiroga.** 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-19122022-151312/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

ARANGO, Manuel Antonio. **Sobre dos cuentos de Horacio Quiroga: Correlación en el tema de la muerte, el ambiente y la estructura narrativa en 'A la deriva' y 'El hombre muerto.** *Thesaurus*. Vol. 37 (1982): 153-161.

ARAYA GRANDÓN, Juan Gabriel. Novela de la tierra: consideraciones ecocríticas sobre Zurzulita de Mariano Latorre. **Anales de Literatura Chilena**, [S. l.], n. 15, p. 49–60, 2011. Disponível em: <https://horizonteenfermeria.uc.cl/index.php/alch/article/view/33067>. Acesso em: 10 out. 2024.

ARÉVALO VIVEROS, Diego Fabián. (2009): **El cuento es la selva: lectura crítica-ecológica de Los cuentos de la selva de Horacio Quiroga** [artículo en línea], 452°F. *Revista electrónica de teoría de la literatura y literatura comparada*, 1, 121-132. Disponível em: <http://www.452f.com/issue1/el-cuento-es-la-selva/>. Acesso em: 15 out. 2024.

BRITO, Sara Araújo. **A dor e a alegria na contística de Horacio Quiroga.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 2., 2002, São Paulo. Associação Brasileira de Hispanistas. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000012002000300056&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 18 nov. 2024.

CANFIELD, Martha. **Horacio Quiroga: la selva sagrada y el reino perfectible.** [en línea] *Revista de la Universidad Nacional (1944 - 1992)*, 1990. Acesso em: 17 out. 2024.

CELIMÉNDIZ, Miguel Español. **El elemento de lo fantástico en los cuentos de Quiroga.** Université Paris-Sorbonne, 2015.

COLLARD, André. **La muerte en los Cuentos de Horacio Quiroga.** *Hispania*. Vol. 41, nº 3, (Septiembre), pp. 278-81. 1958. (ARTICLE)

COUTO, Hildo Honório do. **Ecolingüística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente.** Brasília: Thesaurus Editora, 2007. 462 p. ISBN 9788570626035. Disponível em: www.thesaurus.com.br. Acesso em: 24 out. 2024.

CRUZ, Guilherme; SOSA VOTA, María Silvina. **HORACIO QUIROGA E LOS DESTERRADOS: O SER E ESTAR NA FRONTEIRA.** *Cadernos do IL*, [S. l.], n. 53, p. 075–088, 2017.

DOI:10.22456/2236-6385.67361.Disponível:<https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/67361>. Acesso em: 26 ago. 2024.

DINARTE S., Karla; SUÁREZ, Domingo; SILVA A., Dámaris. **Clave autobiográfica en el cuento El hombre muerto de Horacio Quiroga**. Revista Senderos Universitarios, n. 4, ano 2, jan.-jun. 2016.

ESPINOZA TORRES, Arturo. **Acercamiento a Horacio Quiroga**. (Tesis de Licenciatura). Universidad Nacional Autónoma de México, México. Recuperado de <https://repositorio.unam.mx/contenidos/127644>. 2014.

FLORES, Ángel, **Aproximaciones a Horacio Quiroga**, Caracas, Monte Ávila Editores, 1976, 296 pp. (Colec. Estudios)

FLORES, Ángel, **El realismo mágico en el cuento hispanoamericano**, 2a. ed., México, Premia Editora de Libros, 1990, 274 pp. (Colec. La Red de Jonás)

GLOTFELTY, Cheryll. **Introduction: Literary Studies in an Age of Environmental Crisis**. En Cheryll Glotfelty y Harold Fromm, eds. *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. Athens, GA y Londres: U de Georgia P. 1996.

GLOTFELTY, Cheryll. **LOS ESTUDIOS LITERARIOS EN LA ERA DE LA CRISIS MEDIOAMBIENTAL**. *Ecocríticas: literatura y medio ambiente*, edited by Carmen Flys Junquera, José Manuel Marrero Henríquez and Julia Barella Vigal, Frankfurt a. M., Madrid: Vervuert Verlagsgesellschaft, 2010, pp. 49-66. <https://doi.org/10.31819/9783964566317-004>.

ITURMENDI, Marta. **Horacio Quiroga: una literatura a selva o muerte**. La Grieta, Artículos, Letras, 13 mar. 2015. Disponible em: <http://www.lagrietaonline.com/horacio-quiroga-una-literatura-a-selva-o-muerte/>. Acesso em: 09 nov. 2024.

JIMÉNEZ, Mayra. **La irrealidad en la cuentística de Quiroga**. Revista Letras, (2) 2, julio-septiembre, 1979.

LEITES, Amalia Cardona; DALCIN, Camila. **Horacio Quiroga: Aproximações entre a transculturação narrativa e a ecolinguística na análise do discurso literário**. Revista de Letras, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará/UFC, Fortaleza-CE, v. 2, n. 37, p. 89-97, 2018. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/49183>. Acesso em: 11 out. 2024. e-ISSN 2358-4793.

MCDOWELL, Michael. **The Bakhtinian road to ecological insight**, C. Glotfelty and H. Fromm, *The Ecocriticism Reader*, Georgia, University of Georgia Press, 371-391. 1995.

MENTON, Seymour. **El cuento hispanoamericano: antología crítico-histórica**. 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1970.

MONEGAL, Emir Rodríguez. **Genio y figura de Horacio Quiroga**. Buenos Aires: Universitaria de Buenos Aires, 1967.

MONEGAL, Emir Rodríguez. **Las raíces de Horacio Quiroga. Ensayos.** Montevideo: Ediciones Asir, 1961.

MONEGAL, Emir Rodríguez. **Prólogo.** In: QUIROGA, Horacio. **Cuentos.** Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2004. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/211668.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2024.

PACHECO, Carlos. **Del Cuento e seus arredores.** Editores da América Latina Monte Ávila. Venezuela. 1993.

QUIROGA, Horacio. **Cuentos.** Selección y prólogo de Emir Rodríguez Monegal. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2004. ISBN 980-276-370-5.

ROQUE DA SILVA, Tânia. Horacio Quiroga: **La Muerte como Adversaria en su Obra.** *Ao Pé Da Letra.* Vol. 4, nº 1, (julio), pp. 171-178. (ARTICLE). 2002.

ROZOTTO, David. “**El criollismo en la América de habla hispana: revisita y reflexiones sobre el patrimonio de una literatura centenaria**”. *Literatura: teoría, historia, crítica*, vol. 21, núm. 1, 2019, págs. 117-141.

RUECKERT, William. **Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism.** In *Iowa Review* 9, no. 1, p. 71-86. 1978.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: civilização e barbárie no pampa argentino.** (1845) Tradução: Aldyr Garcia Schlee. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996.

SHOERMAKER, Roy How Ard. **El tema de la muerte en los cuentos de Horacio Quiroga.** In: *Cuadernos Americanos*, México, año XXXVII, vol. V, 1978.

SOARES, Caroline Ferreira. **Espaços e personagens em Vozes da Selva, de Horacio Quiroga: abrindo caminhos para a literatura hispano-americana nas aulas de LE.** 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7291>. Acesso em: 15 nov. 2024.

TITTLER, Jonathan. **Una relectura ecocrítica del canon criollista: Mariano Latorre y Horacio Quiroga.** *Tabula Rasa*, Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca, Bogotá, Colombia, n. 007, p. 197-210, jul./dez. 2007.

TRUJILLO, Gabriela Pereda. **La ecoliteratura en Latinoamérica: Horacio Quiroga, ejemplo seminal.** *Revista de Literatura Latinoamericana*, 23 jul. 2024. Disponível em: <https://jeronimomx.info/la-ecoliteratura-en-latinoamerica-horacio-quiroga-ejemplo-seminal/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

WORSTER, Donald, **Wealth of Nature: Environmental History and the Ecological Imagination** (New York, 1994; online edn, Oxford Academic, 12 nov. 2020), <https://doi.org/10.1093/oso/9780195092646.001.0001>. Acesso em: 23 nov. 2024.

YURKIEVICH, Saúl **Análisis de 'A la deriva'**, en Ángel Flores, *El realismo mágico en el cuento hispanoamericano*, 1990. pp. 115-121.